

Fernando Alberto Torres Moreira

CEL - Centro de Estudos em Letras

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

PAISAGENS CULTURAIS EM LUANDINO VIEIRA

Resumo:

Luandino Vieira é um exímio contador de histórias. As suas obras oferecem-nos uma visão quase antropológica das vivências na sociedade angolana, onde sobressaem as actividades quotidianas dos moradores, as tradições, o sistema racial e onde ainda se vive a herança da colonização portuguesa. Luandino foi um dos primeiros escritores de narrativa a inovar em termos linguísticos e a utilizar a recriação verbal como forma de identidade cultural dos habitantes dos *musseques*, um universo cultural com inúmeras línguas étnicas e práticas tradicionais.

Palavras-chave: Paisagem, rio, linguagem, memória, colonização

Title: Cultural Landscapes in Luandino Vieira

Abstract:

Luandino Vieira is a remarkable storyteller. His works present the reader with an almost anthropological vision of Angolan society focusing on the daily activities of the people, the traditions, the racial system, a society where the legacy of Portuguese colonisation is still very much alive. Luandino was one of the first narrative writers to innovate in linguistic terms and to use verbal recreation as a means of establishing the cultural identity of the inhabitants of the *musseques*, a cultural universe with numerous ethnic languages and traditional practices.

Keywords: Landscape, river, language, memory, colonisation

Penso que se encerrou um ciclo iniciado com *Luuanda*. Quando voltar a escrever é para começar qualquer coisa de novo. A minha ambição seria escrever um livro que significasse para a actual literatura angolana o que *Luuanda* significou em 1963. Gostaria de introduzir uma nova ruptura, sacudir um bocado a nova literatura que está a academizar.

(Vieira 1982: 7)

Agora percebo exactamente, ou, pelo menos, tal e qual como todo o ser humano, tenho a mania que estou a perceber... Mas aqui há anos, pressentia que não percebia... Agora não; agora sinto-me perfeitamente em paz nesse domínio. De novo, a sociedade angolana, os personagens, a paisagem, tudo me é bastante claro: bastante claro não em termos do que é, mas para onde é que isso vai... Portanto, regressei à condição de escritor porque muito do que me preocupava não me preocupa, porque não faz parte das minhas interrogações de escritor... Volto a ver as pessoas, não os militantes.

(Vieira 1991: 5)

1. Escrever sobre um autor e uma obra que muitos ensaístas e críticos em geral conhecem seguramente melhor do que eu não é tarefa fácil; mesmo assim, numa leitura primeira que fiz de *O Livro dos Rios*, encontrei motivos, razões e interesse bastantes, a meu ver válidos, para alinhar umas reflexões sobre esta que é a publicação e criação mais recente de José Luandino Vieira.

Entre todas as razões está o facto desta obra ser a primeira que o autor escreveu após cerca de 30 anos de silêncio criativo¹, um silêncio que em nada calou e sequer diminuiu o seu engenho criador, a sua capacidade de nos surpreender pois, ao ler-se singelamente o texto com que nos brindou após esse longo interregno auto-imposto, depressa nos apercebemos do primor da escrita, da qualidade do estilo, do quanto o labor literário é, para Luandino Vieira, algo de muito sério que não pode ser encarado de ânimo leve.

José Luandino Vieira tinha, finalmente, algo de novo a dizer ao leitor e é o que faz, sem cedências ao facilitismo, encontrando nós na sua frase o mesmo rigor, o mesmo equilíbrio, a mesma imprevisibilidade (íamos a dizer o mesmo *swing*), a mesma simplicidade que um estilo quase coloquial realça, a mesma forma de escrita sem concessões ao facilitismo, logo irrepreensível, a mesma poesia (em nosso entender ainda mais potenciada) na prosa,

¹ Michel Laban prefere falar de um “silêncio magoado” para este intervalo criativo de José Luandino Vieira que seria motivado, acima de tudo, pela mágoa do contraste entre o que idealizara para a sua Angola independente e a realidade cruel daí resultante que se conhece. (Laban 2006: 5)

resultado de um “trabalho meticoloso e paciente na e pela linguagem-emoção-sentido” (Pires Laranjeira 2006: 19), de um labor ao mesmo tempo de pesquisa e criação.

2. Numa primeira abordagem à recepção de *O Livro dos Rios*², Pires Laranjeira não poupa nos elogios ao texto de Luandino Vieira³; diz-nos estarmos perante

(...) um trabalho poético da linguagem narrativa, um romance-rio com histórias, sociedade e política ao fundo e nos interstícios do dizer. Um jeito denso e maravilhoso (mágico) de compor a frase, saboroso que continua a vir de muito longe (Bíblia, António Vieira), passa por Joyce (comparação estilística irrecusável) e segue em língua portuguesa (Aquilino, Guimarães Rosa, Mia Couto). (Pires Laranjeira 2006:19)

O tom embevecido de Pires Laranjeira é uma evidência; reconhece-se-lhe, até, uma simpatia pessoal por este escritor angolano que, de algum modo, o justifica, mas a longa espera de um novo livro de Luandino Vieira e, acima de tudo, a excelente e inquestionável qualidade literária da obra, aliada e potenciadora de uma temática cuja beleza ressuma em todos os poros da sua escrita não desmerecem da apreciação registada, bem pelo contrário.

Continuando com Pires Laranjeira, concordamos ainda com ele quando considera ser este um romance muito difícil de ler, a que não é alheio o facto, já realçado, de ser um verdadeiro tratado aplicado de poesia na prosa e de pura experimentação; no mais, a intriga passa pela história pessoal de um protagonista negro - “eu, negro” (Kene Vua/Kapala) que põe em jogo com a sua biografia de guerrilheiro episódios históricos da colonização portuguesa em Angola; os temas são variados e vão de uma homenagem tanto singela quanto sentida ao mais-velho Agostinho Neto que o autor parafraseia, até ao protagonismo do negro, passando quer pelo relato da traição e justiça aplicada a um guerrilheiro, quer pela censura aos brancos do sul, a Umpata, tudo plasmado num cenário de escrita com um Camões em pano de fundo narrativo ajudado por um perfil bíblico (Babilónia, desterro, maldição, exílio) também ele caro ao poeta português, decorrendo na torrente viva, histórica e sagrada (e da vida), ascendente e descendente dos rios angolares, rio(s) da(s) vida(s), rios que são o céu na terra, essa “água da linguagem”⁴ que Luandino Vieira faz, poeticamente, escorrer para deleite dos

² *O Livro dos Rios* é o primeiro de uma trilogia subordinada ao título *De Rios Velhos e Guerrilheiros*.

³ Escreve Pires Laranjeira: “José Luandino Vieira é uma escritor seminal, archote de luz brilhante no páreo cultural” (JL, nº 942, 2006: 19).

⁴ Pires Laranjeira caracteriza a linguagem de José Luandino Vieira como polifónica, plurifacetada, bíblica, poética, erudita e vanguardista. (JL, nº 942 2006: 20)

leitores e cujas paisagens, quantas vezes sazonais e perecíveis, se confundem com a história da luta armada.

3. De Langston Hughes a Camões

Rio é, simbolicamente, exemplo do poder da natureza, do poder do tempo; representa também a fertilidade da terra e a passagem irreversível do tempo.

Suportado no poema de Langston Hughes, *The Negro Speaks of Rivers*, cuja tradução parcial surge na abertura do romance, que também é apresentado como um tributo ao escritor negro norte-americano e integra, no seu conjunto, outros excertos do poema, novos ou repetidos, espalhados por todo o texto, pode dizer-se que *O Livro dos Rios*, tal como o poema que lhe serve de epígrafe e com o qual dialoga permanentemente, fala obviamente de rios (a palavra surge inscrita num total de 160 vezes) reportando toda a sua simbologia que acima identificámos a par da consagração da sua importância histórica no quadro da nação angolana e, particularmente, da luta guerrilheira pela independência. Penso até que podemos dizer mais: com as devidas reservas, *O Livro dos Rios* pode ser lido como uma extensa paráfrase do poema de Langston Hughes, uma verdadeira glosa em volta do mote “Conheci rios”. Claro que é dos rios angolanos de que nos fala, dos existentes e dos desaparecidos, de todo esse povo saído da “barriga de nossa mãe Kwanza” (Vieira 2006: 64), o “Kwanza [que] rodeia a pátria da nossa luta”⁵ (Vieira 2006: 126). Como os homens, também “há rios mortos na guerra” (Vieira 2006: 88), como os feridos também há rios que sangram; afinal, como afirma o protagonista Kene Vua, “Em amnistia geral de minha vida, digo mais: também eu, um dia, vou ser rio” (Vieira 2006: 99), “também eu sou um rio” (Vieira 2006: 21).

O espírito do poema de Langston Hughes ecoa por todo o texto de Luandino, mas também a alma de Agostinho Neto fala a espaços e a voz de Camões se “faz ouvir”, forte e segura, no retinido da escrita por um “oiço, claramente visto” (Vieira 2006: 45), e num “olharam e viram. Claramente visto” (Vieira 2006: 70), como visto é o mesmo Camões nas crianças estropiadas, essas “crianças-camões” (Vieira 2006: 76).

Porque o livro é dos rios, dos rios é que quero falar e das paisagens que representam; grande rio é o monólogo torrencial e testemunhal de um protagonista criança/jovem/adulto que, na sua tripla dimensão, representa simbolicamente as três gerações familiares que também convoca, e invoca, para o seu relato.

⁵ Luandino retoma neste livro aquilo que já iniciara em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, livro no qual o rio Kwanza simboliza a força de Angola e dos angolanos.

Não quero falar da questão/tema consciência guerrilheira (e da tenção que perpassa a obra) expressa na condenação e execução de um antigo camarada. Pretendo antes falar dos rios do passado e do futuro, dos rios-paisagem, dos rios que são “aquela paisagem amordaçada de meu rio da infância” (Vieira 2006: 60), “rios raivosos, rebeldes, rebelados; rios d’água suja, cega de sangue (...) calados de medo debaixo do voo dos helicópteros, rios de pele arripiada; rios de escorregar rude, pedreguentos, retintos de lama e choro, espuma rouca” (Vieira 2006: 17), rios que são tudo – “minha terra, meu rio, meu mundo” (Vieira 2006: 61) -, rios polvolentos, desinquietos, ásperos, rotos e deslavados, de águas mutiladas, rios que são lágrimas adormecidas a obus e emboscada, rios “que semearam filhos nos alicerces do mundo” (Vieira 2006: 98), rios de rios, rios da memória de uma guerra que o devir não apaga, tal como escreve Luandino que, por este narrar da memória, corporifica a história:

Conheci rios: rios antigos, jimbumbas na pele da terra angolense, cicatrizes que nascem eterno sangue, uma água cega. E rios novos, rios de águas dormidas, lágrimas acordadas a tiro e catanada. Rios amigos quando ainda as matas eram nossas. (Vieira 2006:21)

(...)

De todos direi – dos velhos rios de arrugadas margens (...) e rios desalforriados agora, avassalados que estão em livros de atlas; os antepassados rios de sangue, enxurrados na memória dos homens; dos futuros rios falaria, nascidos que vão ser de uma água gorda, lama saindo nos fundos dos mares, esgotos peregrinos. (...) Capítulo os versículos de suas águas, numero as vitórias que aos nossos deram. (Vieira 2006: 67)

Muitos são os rios: Lukala (“rio cego, rio lento, pleno de cavalos-do rio”), Lombiji (“rio do ouro, águas amarelas”), Kalukala (“benaventurado, rio de tantas matas e bases de apoio e acolho e passagem, escuríssimo de tantos verdes”), Nzenga-Mlengu, Bengo, Zenza (“parado, vermelho”), Alukaze (“rio da morte ao meio-dia, um que secou depois da independência”), Luandu (“o todo-poderoso, o que é tigre”), Ngangu (“rio vermelho, rio ruivo, rio-filho-da-puta-ruivo e cabrão mal-cheiroso”), KamuKembi (“fresco de nome e ares”), Kamukekele (“riozinho mui paciente”), Lube (“gatuno, invasor, traquino, um rio de morro, rio réu”), Kifangando, Kabidikizu (“ribeiro de escorrer muita luz”), Canganga, Golungo, Kipakasa (“o pequeno rio que morreu na guerra, martirizado de sangue”), Luandu

(“o que sempre nasce com o sol atrás dele”) e o rio dos rios, o Kwanza (“nosso Eufrates, rio de braços abertos, bênção de Deus”).

Quero falar do Kwanza, jibóia de três caudas, rio-mãe, rio-pai, rio da sabedoria por onde o protagonista descia rio acima e subia rio abaixo (Vieira 2006: 114) vendo nele um mar – “todo o mar do mundo [que] estava de regresso, [e] que era afinal só minha rio, meu mãe, nosso pai Kwanza” (Vieira 2006: 114) – de cujas lágrimas nasciam oceanos; falar desse rio cúmplice, rio-vida, desse rio/barriga gestante capaz de esconder o corpo enrolado, em posição fetal, do jovem Kene Vua: “mergulhei de lento meu corpo de prego, ajoelhei na barriga da minha mãe, me uterinei todo (...) mais nu eu queria estar para me nascer, morrer e matar» (Vieira 2006:121); referir esse rio paradisíaco e fonte enquadradora de uma terra prometida, o “nosso Eufrates Kwanza” (Vieira 2006: 20), esse rio “jibóia de três caudas”, formado de uma trindade “nos seus três fios de água, lá nas serras altas do Bié – onde o mundo acaba e todas as águas começam” (Vieira 2006: 126).

4. Que livro é este? Que romance será?

Para Pires Laranjeira *O Livro dos Rios* é um romance-rio, um não romance pela recusa da intriga, uma homenagem à língua (“honoris causa da língua”) e a Agostinho Neto, um perfeito exemplo de poesia na prosa, uma peça de oratória “articulada entre o ‘sacro’ (melhor: espiritual) e o popular ‘profano’” (Pires Laranjeira 2006: 20), um *roman-fleuve* sobre os rios de Angola; é também um romance de continuidades temáticas vistas antes em *Nós, os de Makulusu*, mas também de intertextualidades com escritos de Manuel Rui, Arnaldo Santos, Pepetela e alguns textos bíblicos, com particular destaque para o livro do *Deuteronomio*; afigura-se ainda como um romance da água enquanto fonte da vida, um romance de colonizados e “alevantados”; junta-lhe ainda Pires Laranjeira a designação de romance-relato sobre o exílio (interior) dos que vivem a ausência, na ausência, e sonham com a terra prometida com a bênção de possuir a terra, porque só ela é fonte de liberdade: “só a terra é liberdade”, no dizer de Kene Vua, o protagonista (Vieira 2006: 36).

É certamente um romance difícil – na forma e no conteúdo – segundo a brasileira Rita Chaves, sendo, em consequência, uma obra que obriga a uma leitura repousada, lenta (tornando extenso o que fisicamente é uma obra de pequenas dimensões) pela multiplicidade de sentidos que a sua linguagem convoca, pela sua densidade significativa; um romance obsessivo, pela obsessão tida pelo narrador/protagonista pelos rios e suas águas inquietas; um

romance envolvente, pela força do verbo e linguagem fragmentária que multiplica, estilando-os, os sentidos. É, concordando com Pires Laranjeira, um “romance saboroso (pela linguagem), inequívoca obra-prima da língua” (Pires Laranjeira 2006: 21).

5. Ler *O Livro dos Rios* não é fácil; é serpentear e mergulhar na corrente forte das águas da linguagem luandina que deve ser atravessada, lenta e seguramente, numa espécie de uterinização; o conhecimento deste rio faz-se caminhando devagar, num movimento calmo que a densidade do texto exige. Se, na passagem das águas do rio nunca a paisagem fica igual, também nada ficará na mesma na literatura e cultura angolanas após este *O Livro dos Rios*, livro de um presente que obriga a uma reflexão sobre um passado histórico que tudo mudou; tal como afirmou Luandino em entrevista a Michel Laban “(...) a expressividade da nova linguagem deve ser procurada a níveis mais fundos (...) é preciso cavar o outro nível que ainda não foi revelado: o resíduo de toda cultura tradicional” (JL nº 930, 2006: 5); é o que ele faz com *O Livro dos Rios* ultrapassados que foram os níveis lexical e sintático, continuando o seu trabalho de exploração, de abertura e de experimentalismo da língua, agora num plano cultural, mais precisamente da cultura tradicional, e sem a agressividade anteriormente demonstrada. O autor mais não faz do que corporizar o que em 1989, em entrevista a Carlos Vaz Marques⁶ enunciara: ouvir, por baixo da escrita, o rumor do tempo das histórias que narra, usando um método intuitivo e tradicional; talvez por isso Pires Laranjeira em jeito de comentário final a *O Livro dos Rios* conclua, no artigo que temos vindo a citar:

JLV está em grande forma! Dá uma lição de estilo aos mais novos escritores e aos mais-velhos como ele. E carrega as baterias de conteúdo político, social e histórico. Luandino, com este livro, como que afirma: é preciso continuar a vigiar a oficina da escrita, trabalhando arduamente. (JL nº 942, 2006: 19)

Se é verdade, como tem sido escrito repetidamente, que a pluralidade linguística presente na coexistência de línguas, tradições e códigos culturais fazem de *Luuanda* uma metonímia viva de Angola, *O Livro dos Rios* é, sem dúvida e pelas mesmas razões, uma metáfora que transborda de significação na identificação desse país e no processo de escrita de Luandino, um notável contador de histórias, um burilador refinado da língua e trabalhador incansável na tarefa de subversão da língua.

⁶ Cf. *JL*, nº 359, 1989.

Bibliografia

AA/VV (1991) *Angola – Encontro com Escritores*, vol. I, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº 24 (1982), 359 (1989), 930 (2006), 942 (2006). Lisboa: Edimpresa.

LABAN, Michel et al. (1980) *Luandino: José Luandino Vieira e a sua obra*. Lisboa, Edições 70.

LARANJEIRA, JOSÉ LUÍS PIRES (2006) “Um romance-rio”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Nº 942, 8-21 Novembro 2006: 19-21.

TRIGO, Salvato (1981) *Luandino: O Logoteta*. Porto, Brasília Editora.

VIEIRA, JOSÉ LUANDINO (1982) “Entrevista a Afonso Praça”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 24, 19 Janeiro – 1 Fevereiro 1982: 8.

----- (2004) *Luuanda*. Lisboa, Caminho.

----- (2006) *De Rios Velhos e Guerrilheiros – O Livro dos Rios*. Lisboa, Caminho.